

## TRAÇOS DO PERCURSO DE CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE FALA NA PRODUÇÃO SAUSSUREANA

Eliane Mara Silveira (UFU/CNPq)

### INTRODUÇÃO

O trabalho de Saussure passa por transformar os estudos holísticos sobre a linguagem do século XIX em um estudo especializado sobre a língua no século XX, com ele: “Evitando estéreis definições de termos, distinguimos primeiramente, no seio do fenômeno total que representa a linguagem, dois fatores: a língua e a fala. A língua é para nós a linguagem menos a fala.” (p.92)

Essa incidência de Saussure foi tão comemorada quanto lamentada durante muitas décadas. Comemorou-se a operação que deu lugar a um objeto específico de estudo e assim um status que a Lingüística ainda não havia alcançado; mas, lamentou-se que o processo mesmo dessa operação tivesse como consequência uma separação entre língua e fala. Sem a separação entre língua e fala, não haveria a alcançada especificação da língua nesse momento – ou seja, não haveria como ganhar a especificidade do objeto sem perder seu caráter holístico. Essa separação entre língua e fala é, portanto o ponto central da operação saussureana e o que lhe lega o reconhecimento atual que vai, paradoxalmente, em direções opostas. A mesma operação suscita entre os lingüistas: a) o reconhecimento da fundação da lingüística como uma ciência, no sentido moderno do termo, a partir da especificação do seu objeto ‘a língua’; b) bem como suscita uma crítica motivada pela exclusão da ‘fala’ do domínio da Lingüística.

Alguns autores que se alinham nas trincheiras de proteção aos excluídos, inclusive de proteção às exclusões teóricas realizadas pela Lingüística, têm, ao longo dos últimos cinquenta anos, empunhado a bandeira de inclusão dos elementos que, na especificação de Saussure, ficaram de fora do objeto da lingüística, a fala está entre esses elementos excluídos. O trabalho de Weinreich, Labov & Herzog<sup>1</sup>, que versa sobre os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística, é bastante representativo no que concerne à crítica a Saussure durante o século XX. A reflexão desses autores é fortemente apoiada nas críticas que eles fazem diretamente a Saussure a respeito do tratamento que o autor genebrino deu a fala e a língua<sup>2</sup>:

Tem-se enfatizado muito que ao distinguir a fala [parole] da língua [langue], Saussure rompeu com o psicologismo característico do pensamento neogramático: ele via a língua como social e a fala como individual. Entretanto observemos que Saussure nada tem a dizer de concreto sobre a comunidade como a matriz do desempenho da fala individual. (p.56)

A proposta dos autores segue no sentido de minorizar a diferenciação entre língua e fala:

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura lingüística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que

---

<sup>1</sup> A reflexão dos autores toma sua forma final entre 1966 e 1967.

<sup>2</sup> Poderia se dizer que a crítica de Labov e Herzog incide sobre os pilares da reflexão saussureana, contudo, embora eles passem pela divisão entre língua e fala não se resumem a essa divisão visto que é a teoria do valor que especificará o funcionamento da língua.

governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas. (op.cit.p.125)

Nessa direção de crítica trazemos Marina Yaguelo, que na introdução do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin, afirma:

Mas, ao contrário da lingüística unificante de Saussure e seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. (p.14)

Outros tantos têm se detido na reflexão a respeito desses elementos a partir do que Saussure apontou como funcionamento da língua. Ou seja, a pergunta para esses últimos é: se a língua é um sistema de signos, o que é a fala? Benveniste para essa questão sai-se com a toda a sua elaboração sobre a enunciação, conceito que ele irá ocupar-se durante toda a sua reflexão e que especialmente no texto “Aparelho formal da enunciação<sup>3</sup>”: “O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala” (p.84) tal reflexão o fará distanciar-se do conceito de fala como “realização vocal da língua” (op.cit., p.82) e irá, por outro lado, aproximar-se da afirmação saussureana “Nada existe portanto de coletivo na fala: suas movimentações são individuais e momentâneas.” (CLG, p.28) e derivar as conseqüências dessa afirmação. Benveniste procura ser conseqüente com as indicações de Saussure sobre a relação entre língua e fala: “Tentaremos esboçar no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza. Esses caracteres são, uns necessários e permanentes outros incidentais (...)” (op.cit., p.83)

Jakobson, que derivou da crítica de Saussure sobre a fala uma fonologia, como se vê: “Malgrado sua própria intuição do fonema como um conjunto de elementos diferenciais, o mestre sucumbiu à tradicional crença no caráter linear da linguagem(...)” (p.40)

Nesse sentido é representativo também o trabalho recente de De Lemos<sup>4</sup>, nos quais há uma leitura que ultrapassa a imobilidade que se havia instaurado com a redução de Saussure à nomeação de dicotomias. Uma leitura que, diferentemente, reconhece e explora a mobilidade e tensão contidas no pensamento saussureano, resulta daí a sustentação de uma relação língua-fala não submetida à lógica binária do “ou ...ou” (que uma dicotomia estrita realiza) e a possibilidade de implicar o pensamento saussureano na reflexão sobre a fala da criança e a fala patológica.

Nesse aspecto, os autores citados, Jakobson, Benveniste e De Lemos, irão trilhar o caminho da afirmação saussureana: “Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo instrumento e produto desta. Tudo isto porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas.” (CLG, p.27). A partir daí e de seus problemas de pesquisa tirarão as conseqüências da diferença entre língua e fala e, talvez, avancem um pouco sobre a natureza da fala, contribuindo para esse conceito que chamo de ‘incompleto’ em Saussure.

Há ainda as posições conciliatórias, como a de Mattoso, ainda na década de 50 no Brasil, mas que ainda encontram eco como se pode perceber nos projetos pedagógicos de alguns cursos de Letras no Brasil. Para Mattoso: “Tratar-se-á, destarte, ao lado da lingüística propriamente dita, ou ciência da língua, uma lingüística do discurso, que será a estilística” (p.26)

<sup>3</sup> Publicado inicialmente na revista *Langages* no. 17 em 1970.

<sup>4</sup> Aqui a referência a Cláudia T.G.De Lemos já não é mais suficiente, visto os efeitos que esse trabalho tem em um âmbito maior. Assim, remeto os leitores à publicação do no. do Caderno de Estudos Lingüísticos em 2005 que exhibe um bom índice dos vinte e cinco anos desse trabalho e sua ressonância.

Mas, a pergunta que me faço nesse momento é anterior a essas posições e talvez até mesmo já respondida por alguns pesquisadores. Contudo, vou insistir porque me parece que a questão que coloco vale a pena de uma insistência e também porque suponho que a forma de colocar a questão e procurar uma resposta pode estabelecer uma diferença com os estudos anteriores sobre esse mesmo aspecto. Pergunto-me qual era a natureza desse elemento que Saussure separou da língua e nomeou de fala?

Para uma abordagem inicial desse elemento, nomeado fala no Curso de Lingüística Geral e nos manuscritos de Saussure, julgo necessário retornar ao ambiente de formação de Saussure. As possíveis influências sobre o trabalho de Saussure são citadas freqüentemente e entre elas destacam-se os estudos de Gramática Comparada, que fizeram parte na Alemanha do século XIX das referências obrigatórias à formação do lingüista daquela época e, que foram, sem dúvida nenhuma, decisivos na direção que tomou a reflexão de Saussure.

Sabe-se que a prática comparatista se ocupava das mudanças das línguas e apoiava-se fortemente na hipótese de uma evolução fonética no centro dessas mudanças. A Gramática Comparada ocupava-se das leis fonéticas, ou ainda de uma gramática fisiológica. O desaparecimento dos casos latinos, para alguns estudiosos, teriam tido origem no que era chamado de ‘erosão fonética’. Essa tese tem, na reflexão de Bopp e Shleicher, os seus fundamentos. Para eles a evolução das línguas seria determinada por uma degradação constante comandada pela lei do menor esforço. Segundo Ducrot: “Daí resulta que os falares atuais, e, já em grande medida os da antiguidade greco-latina, seriam só ruínas”(1971:49).

Os Neogramáticos também viam na fonética a síntese dessas mudanças nas línguas, mesmo que propusessem outra explicação, tratava-se para eles de ‘leis fonéticas’. A fonética respondendo pelos sons da fala. Não haveríamos de desprezar aqui a importância do movimento neogramático nessa passagem que implica uma outra maneira de ver a fala. Tal reflexão, própria do ambiente de formação de Saussure certamente deve ser considerada na maneira como o lingüista genebrino construiu a sua reflexão sobre a fala. As discussões sobre esse conceito durante a sua formação acham-se presentes na sua elaboração posterior seja pela contestação ou pela adesão.

No cap. II Objeto da Lingüística, ao discutir o caráter social da língua e então buscar descrever o “ato individual que permite reconstituir o circuito da fala” (p.19) Saussure o caracteriza como um processo fisiológico, ou físico que produz ondas sonoras, mas cuida de diferenciar esse processo físico ou fisiológico da associação entre o significante e o significado, esse processo ‘é puramente psíquico’(op.cit), segundo ele. Esses dois processos distintos, um físico e outro psíquico parecem dividir língua e fala. Contudo, atentemos para a complexidade: “A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois sua execução jamais é feita pela massa; é individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (parole)” (p.21) Assim, propriamente e totalmente psíquico é a associação entre o significante significado que constituirão os signos que por conseguinte engendrarão um sistema – ou seja a língua como um sistema de signos. Parcialmente psíquico é o funcionamento da fala que inclui um aspecto executivo psíquico e um aspecto fisiológico e outro físico. Vemos aqui Saussure dividido entre duas concepções de fala próprias ao seu ambiente de formação.

Recorto para essa reflexão um movimento que estava na base da formação do estudante Ferdinand de Saussure: a Gramática Comparada, bem como as elaborações do Mestre que foi uma referência ao professor Ferdinand de Saussure: Michel Bréal. O lingüista Saussure certamente leva as marcas desse seu trajeto e é o que penso poder destacar a respeito do lugar da fala enquanto conceito em seu percurso teórico.

A partir de 1881, Saussure é chamado por Bréal para atuar como professor na Escola Prática de altos estudos, segundo Benveniste em entrevista a Pierre Daix em 1966 afirma sobre Saussure:

Era estritamente comparatista, extremamente jovem e precoce, que fora com apenas 21 para 22 anos, descoberto, adotado por um homem que tinha o sentido dos homens: Michel Bréal. Remontamos assim ao verdadeiro nascimento da lingüística na França. Bréal adivinhou o que poderia ser um Saussure, o que ele já era.

Os livros de gramática comparada se sucedem no uso dos estudantes e do grande público, entretanto, não me parece que o que se oferece seja bem o que seria preciso. Para quem sabe interrogá-la, a linguagem está cheia de lições, já que depois de tantos séculos a humanidade deposita nela as aquisições de sua vida material e moral. Limitar o estudo da linguagem às mudanças de vogais e consoantes é reduzi-lo às dimensões de um ramo secundário da fisiologia; contentar-se em enumerar as perdas sofridas pelo mecanismo gramatical é cair na ilusão de que a linguagem é como um edifício em ruínas; restringir a linguagem às teorias abstratas sobre a sua origem é correr o risco de acrescentar, sem grande proveito, um capítulo à história já demasiado longa dos sistemas. Há, parece-me outra coisa a fazer: extrair da Lingüística o que dela ressalta como alimento para a reflexão e – não temo acrescentar – como regra para a nossa própria linguagem, visto que cada um de nós colabora com sua parte para a evolução da fala humana. Eis o que merece ser trazido à tona, eis o que tentei fazer nesse volume. (BRÉAL, 1992[1987], p. 17, apud SILVA, 2008:20)

Ressaltamos, portanto, que a abordagem do percurso do conceito de fala em Ferdinand de Saussure está ainda iniciado e depende de um esforço maior de pesquisa e reflexão já que na produção saussuriana o conceito de fala é um dos mais controversos. O Curso de Lingüística Geral o traz de forma negativa, ou seja, ao construir o conceito de língua, Saussure deixa surgir o que vem a ser a fala enquanto o que não é a língua. A fala aparece enquanto excesso da língua. Saussure também a situa como secundária nos estudos lingüísticos, ela por si não seria capaz de ocupar o lugar de objeto da lingüística. A fala está em lugar de falta para a lingüística. Nesse percurso podemos apreender o que é a fala em relação à língua bem como as relações entre uma e outra e, mais do que isso, empreender uma reflexão sobre o lugar da fala na constituição da lingüística. Além disso, segundo a nossa perspectiva (SILVEIRA, 2007), os manuscritos saussurianos, presentes na Biblioteca pública de Genebra e mesmo os Escritos de Lingüística Geral, uma edição dos manuscritos de Saussure realizada por Bouquet e Engler em 2002, trazem algumas informações importantes sobre o processo de escrita de Saussure, em especial no que diz respeito aos ‘conceitos incompletos’ como é o caso da fala.

## REFERENCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Ed.Hucitec. São Paulo, 1981.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística Geral II**. Campinas; 3ª ed. Ed. Pontes; 1991.
- DUCROT O. **O Estruturalismo em Lingüística**. Cultrix. São Paulo.1971.
- de LEMOS C.T.G. - “Da Morte de Saussure o que se comemora?” in **Revista Psicanálise e Universidade**, n.3, P.E.P.G. PUC/São Paulo, 1995.
- \_\_\_\_\_. Questioning the notion of development: the case of language action. **Culture & psychology**. 6-2 (1969-182).2000.
- \_\_\_\_\_. e outros. **“Le saussurisme em Amérique latine au XXe siècle”** Revista: Cahiers Ferdinand de Saussure. Revue suisse de linguistique générale, nº 53. Librairie Droz. Genebra – Suíça. 2004.
- JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. Ed.Cultrix.1977.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein. 5ª. Ed. São Paulo: Cultrix,1973. Cours de linguistique générale [Org]Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, 1916.
- SAUSSURE, F. **Escritos de Lingüística Geral**. Org. e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weill. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana L.Franco. Ed. Cultrix, São Paulo. 2004,
- STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras**. São Paulo: Perspectivas. 1974.

SILVA, K.A. **Saussure e a questão da referência na Linguagem**. Dissertação de mestrado orientada pela profa. Dra. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro, Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2008.

SILVEIRA E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística**. Editora Mercado de Letras. Campinas, 2007.

MATTOSO. **Princípios de Lingüística Geral**. Livraria Acadêmica. Vol.5. Rio de Janeiro 1974.

WEINRICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, W. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. Marcos Bagno; Ed. Parábola. São Paulo, 2006.